



CORPO DE DELITO

Anna Akhmatova na Praça Taksim

Taksim não é a parte mais bela de Istambul, mas é aquela onde melhor se respira. Todas as cidades precisam disso, toda a gente precisa disso



Rui Patrício

Julgo que Anna Akhmatova nunca foi à Turquia. Aliás, fechada na Rússia, quando esta se tornou vermelha, só viajou muito na sua imaginação, fora dela pouco, alguma coisa dentro da União Soviética e, para lá dos amanhã que cantaríamos, só no fim da vida pôde ir a Itália e ao Reino Unido receber homenagens. Até lá, sobretudo nos anos do asfixiante terror estalinista, manteve-se quase sempre em Leninegrado ou nos arredores, a pão escuro e a chá amargo, trezentas horas na fila da prisão onde lhe encarceraram o filho, recusando exilar-se e sonhando com o mar Negro, onde nascera, ou com Tsarskoe Selo, onde passou parte da juventude.

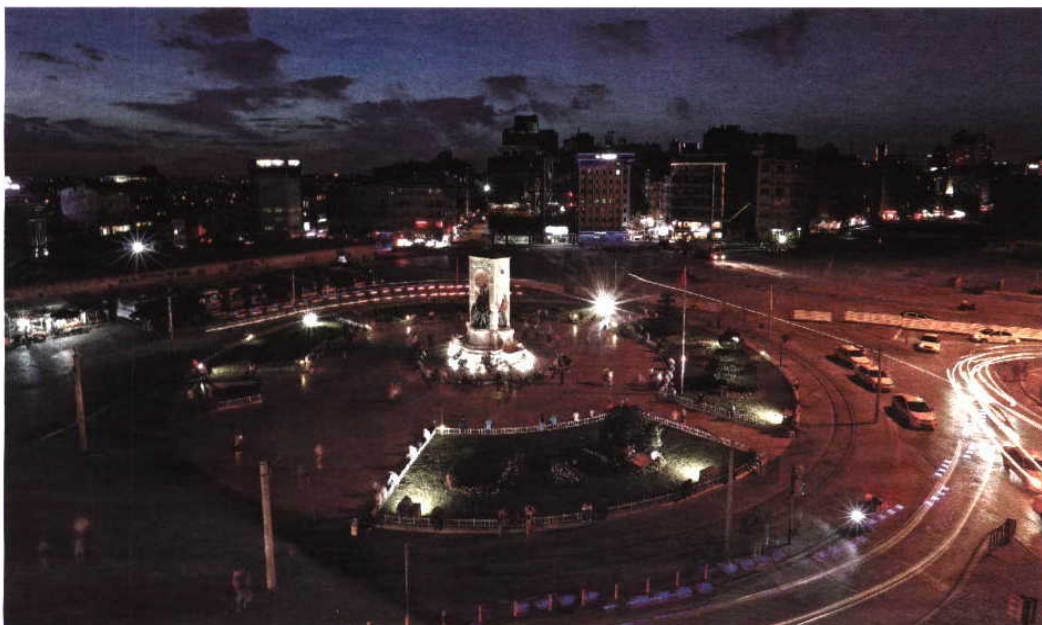
Mas Akhmatova talvez não precisasse de conhecer Istambul para, se fosse viva e soubesse o que lá tem aconteci-

do, escrever outra vez, agora premonitivamente, o que escreveu no prólogo do seu "Requiem", o poema sobre as filas de mulheres às portas da prisão de Leninegrado, sem que as deixassem entrar para ver filhos, maridos ou pais. Escreveu ela então, e talvez repetisse agora, adivinhando o futuro: naqueles anos apenas os mortos sorriam, satisfeitos por estarem em descanso. Talvez seja exagero, ou anacrónico. Mas há coisas que começam assim, devagar, apenas com sinais, pequenas manchas, que crescem lentamente, quase sem se dar por elas. E um dia já tomaram conta de tudo. Há coisas que começam assim, poderes que sabem tudo, poderes que querem tudo, que querem ser pai e mãe, dizer o que é o bem e o mal, governar do berço à cova, dentro e fora de casa, dentro de nós e fora de nós. Poderes que querem ser tudo e que, lentamente, se tornam tudo. Talvez seja exagero, ou anacrónico. Mas Mayakovsky, poeta laudatório das promessas soviéticas, que em público dizia ser Akhmatova patética, lia-a em privado. E a verdade é que Mayakovsky acabou por morrer de suicídio, verdadeiro ou forjado. Talvez tenha percebido (tarde de mais?) que Akhmatova tinha razão, por exemplo, quando escreveu num poe-

ma que há coisas que cheiram a outras coisas, mas o sangue cheira sempre e apenas a sangue.

Akhmatova perceberia, e ainda melhor perceberia se conhecesse Istambul e soubesse o que – na geografia e no espírito da cidade – significa a Praça Taksim. A praça, que fica numa das colinas da cidade, onde o ar circula melhor, onde a tradição não é mais do que horizonte, onde se podem admirar as mesquitas ao longe, sem sentir em demasia o seu peso e o seu domínio. A praça onde a cidade se abre ao moderno e ao futuro, onde começam as ruas dos bares e de outros locais de diversão e de evasão. De Taksim vê-se a outra Istambul, sente-se a outra Istambul, mas ao longe. Na praça e à volta dela, vive-se outra coisa, vive-se para lá do peso (do peso excessivo noutras partes da cidade) da tradição e da regra (a regra bizantina, a da mesquita, a otomana, a de Ataturk). Não é por acaso que as coisas se têm passado precisamente ali. Taksim não é, seguramente, a parte mais bela de Istambul, mas é aquela onde melhor se respira. Todas as cidades precisam disso, toda a gente precisa disso. Akhmatova sabia-o muito bem, aprendeu à custa do seu corpo e da sua alma.

Advogado. Escreve ao sábado



Taksim não é a parte mais bela de Istambul, mas é onde melhor se respira